



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – NEAD
Licenciatura em Letras/Inglês



EURISMAR DA SILVA BARROS

**DIFÍCULDADES NO ENSINO DA ORALIDADE EM AULAS DE
LÍNGUA INGLESA**

Piracuruca – PI

2025

EURISMAR DA SILVA BARROS

**DIFICULDADES NO ENSINO DA ORALIDADE EM AULAS DE
LÍNGUA INGLESA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Licenciatura Plena em Letras –
Inglês da Universidade Estadual do Piauí como
requisito parcial à conclusão do curso, sob a
orientação do professor Especialista Joaquim de
Sousa Oliveira.

**Piracuruca - PI
2025**

B277d Barros, Eurismar da Silva.

Dificuldades no ensino da oralidade em aulas de língua inglesa / Eurismar da Silva Barros. - Teresin, 2025.
37f.

Monografia (graduação) - Universidade Estadual do Piauí - UESPI, Universidade Aberta do Piauí - UAB, Núcleo de Educação a Distância - NEAD, Curso de Licenciatura em Letras Inglês, polo de Piracuruca - PI, 2025.

"Orientador: Prof. Esp. Joaquim de Sousa Oliveira".

1. Oralidade. 2. Língua Inglesa. 3. Aprendizagem. I. Oliveira, Joaquim de Sousa . II. Título.

CDD 420

FOLHA DE APROVAÇÃO

DIFÍCULDADES NO ENSINO DA ORALIDADE EM AULAS DE LÍNGUA INGLESA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO APROVADO EM:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Esp. Presidente

Prof. Me. Membro

Prof. Esp. Membro

“Dedico este trabalho à minha mãe Gilza Maria”

“Professor não é o que ensina, mas o que desperta no aluno a vontade de aprender.”

(JEAN PIAGET – 1896)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiramente, a Deus.

À Universidade Estadual do Piauí – UESPI, pela oportunidade de aprendizado, não só na área do curso, mas também pelo aprendizado de vida que me proporcionou.

Ao Professor Joaquim de Sousa Oliveira, meu orientador.

Aos meus professores que tiveram toda paciência e disponibilidade para que eu me tornasse licenciado.

À minha mãe Gilza, meu padrasto Antônio e minhas irmãs Gilmara e Maria Eulália, que me apoiaram até o último momento.

Aos meus amigos Josiel, Almeida Junior, Winicius, Ivanilde, Adriana, Antônio, Rafael, Michel, Naldo, Joyce, Leandro, Junior e tantos outros que me incentivaram nessa trajetória acadêmica, pois confiaram e confiam no meu potencial.

RESUMO

A oralidade é uma habilidade essencial no ensino de línguas estrangeiras, principalmente nas aulas de Língua Inglesa. No entanto, observa-se que nas aulas de Inglês em escolas públicas, há uma grande ênfase no ensino da gramática e da escrita, o que resulta em dificuldades no desenvolvimento da fluência oral dos alunos. Pensando nisso, a presente pesquisa tem como objetivos analisar as dificuldades do ensino da Língua Inglesa no Ensino Fundamental, assim como identificar as principais dificuldades enfrentadas pelos alunos no aprendizado da habilidade “speaking” de Língua Inglesa, além de verificar quais estratégias utilizadas pelos professores para ensinar a oralidade em Língua Inglesa e apresentar recursos auxiliares no aprendizado da oralidade em Língua Inglesa. Para alcançar tais objetivos, realizou-se uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa. Para fundamentação teórica foram utilizados autores tais como Penny Ur (1996) quando trata sobre as dificuldades no ensino da oralidade em Inglês, Harmer (1983) que aborda sobre a importância de criar oportunidades significativas para a prática oral, Silva (2011) quando trata sobre oralidade, Xavier (2012) que aborda sobre a metodologia do ensino de Língua Inglesa, entre outros. Os resultados desta pesquisa afirmam que o uso de estratégias de ensino voltadas para as práticas comunicativas melhora significativamente a oralidade dos alunos do ensino público. Essa conclusão responde à questão sobre como aprimorar o ensino da oralidade em escolas públicas, propondo uma abordagem prática e inovadora. Esse resultado da pesquisa é relevante, pois relata uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos professores de Língua Inglesa, proporcionando soluções viáveis para o contexto escolar brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Oralidade; Língua Inglesa; Ensino público; Aprendizagem.

ABSTRACT

Speaking is an essential skill in foreign language teaching, especially in English classes. However, it has been observed that in English classes in public schools, there is a great emphasis on teaching grammar and writing, which results in difficulties in developing students' oral fluency. With this in mind, this research aims to analyze the difficulties of teaching English in elementary school, as well as to identify the main difficulties faced by students in learning the skill of "speaking" in English, in addition to verifying the strategies used by teachers to teach orality in English and to present auxiliary resources for learning orality in English. To achieve these objectives, a qualitative bibliographical study was carried out. Authors such as Penny Ur (1996), who deals with the difficulties of teaching orality in English, and Harmer (1983), who discusses the importance of creating meaningful opportunities for oral practice, Silva (2011) on orality, Xavier (2012) on English language teaching methodology, among other authors, were used as theoretical foundations. The results of this research affirm that the use of teaching strategies focused on communicative practices significantly improves the speaking skills of public school students. This conclusion answers the question of how to improve the teaching of orality in public schools, proposing a practical and innovative approach. This result of the research is relevant, as it reports on one of the greatest difficulties faced by English language teachers, providing viable solutions for the Brazilian school context.

KEYWORDS: Orality; English language; Public education; Learning.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 CONTEXTO HISTÓRICO	12
3 METODOLOGIA.....	15
4 O ENSINO DA ORALIDADE NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA	16
5 METODOLOGIA ATIVA NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA	22
6 O SPEAKING COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO E APRENDIZAGEM	25
7 ANÁLISES E DISCUSSÕES.....	30
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	36

1 INTRODUÇÃO

As escolas têm como missão garantir a transformação social, por isso, o poder público tem como objetivo realizar investimentos de forma que essa transformação ocorra. Diante disso, percebe-se que o investimento se faz necessário em questões de estrutura física das instituições, oferta de recursos didáticos apropriados, valorização do professor e de todas essas áreas.

Tendo em vista que, se o governo não investir nesses itens supracitados, muitos problemas irão se aflorar e, consequentemente, isso acabará prejudicando o processo de ensino-aprendizagem dos alunos. A falta de recursos adequados compromete o desenvolvimento de habilidades essenciais, especialmente em áreas que exigem práticas mais interativas, como o ensino de línguas estrangeiras.

Nesse sentido, sem materiais e apoio pedagógico adequados, como tecnologia e capacitação de professores, os estudantes encaram dificuldades em desenvolver suas competências positivamente, especialmente na comunicação oral, que requer métodos dinâmicos e interativos para alcançar fluência e confiança.

O ensino da Língua Inglesa, na maioria das vezes, é um ensino que não é valorizado pelo próprio alunado, uma vez que ela faz parte do campo das linguagens, pois esse campo requer muito do aluno. Principalmente, por causa das regras e normas gramaticais, que por vários motivos os alunos não sentem interesse, e desse modo cabe ao professor de Língua Inglesa garantir o incentivo, a atração do alunado pela língua-alvo, e assim o aluno irá se sentir pertencente a esse espaço e ter propriedade na exploração do uso da Língua Inglesa.

Embora a oralidade seja uma habilidade essencial no ensino de línguas estrangeiras, nas aulas de Inglês em escolas brasileiras, observa-se uma grande ênfase no ensino da gramática e da escrita, o que resulta em dificuldades no desenvolvimento da fluência oral dos alunos. Isso levanta a questão: quais as principais dificuldades encontradas pelos alunos durante a aprendizagem da oralidade nas aulas de Língua Inglesa? O que o professor pode fazer para mudar essa situação no ensino público? O ensino da oralidade é relevante para alunos de rede pública?

Diante das questões apresentadas, foi elaborada a seguinte hipótese: O ensino de Língua Inglesa em sala de aula prioriza a gramática deixando de lado

speaking, o que torna o ensino cansativo e repetitivo, levando o aluno a perder o interesse pela disciplina. Desse modo, o professor pode dinamizar suas aulas procurando inserir nas suas aulas práticas de conversação, na qual o aluno poderá praticar exercitando dessa forma a oralidade.

O ensino de Língua Inglesa no ensino fundamental é marcado por deficiências diversas, dentre elas se encontra a forma como são trabalhadas as habilidades de conversação. É notório a forma tradicional como se ensina a língua inglesa em sala de aula. A falta de capacitação docente, o desinteresse pelo aprendizado da língua e a falta de recursos didáticos, são alguns dos problemas constatados. Assim, a importância de refletir sobre este tema se justifica não apenas pelos motivos apresentados, mas também em decorrência da participação e das experiências vivenciadas durante os Estágios Supervisionados no Ensino Fundamental.

O presente trabalho propõe como objetivo geral analisar as dificuldades do ensino da Língua Inglesa no Ensino Fundamental, assim como identificar as principais dificuldades enfrentadas pelos alunos no aprendizado da habilidade “*speaking*” de Língua Inglesa, além de verificar quais estratégias utilizadas pelos professores para ensinar a oralidade em Língua Inglesa e apresentar recursos auxiliares no aprendizado da oralidade em Língua Inglesa.

O trabalho foi dividido em 8 seções, incluindo Introdução e Considerações finais. A segunda seção trata sobre o Contexto histórico da pesquisa; a terceira seção traz o percurso metodológico; a quarta seção trata sobre o ensino da oralidade em aulas de Língua Inglesa; a quinta seção fala sobre a metodologia ativa nas aulas de Língua Inglesa.

A sexta seção aborda o *speaking* como estratégia de ensino aprendizagem. A sétima seção traz as análises e discussões, e por fim, as considerações finais, seguidas das referências da pesquisa. Cada uma dessas etapas busca mostrar o que de fato acontece dentro das salas de aula das escolas públicas, desde a forma como é trabalhada a oralidade até os materiais didáticos que são oferecidos. Ao decorrer de todo o trabalho de pesquisa vários autores da literatura foram mencionados.

2 CONTEXTO HISTÓRICO

Os métodos que ressaltavam o ensino da fala começaram a ganhar popularidade com teóricos como: Gouin e Berlitz no final do século XIX, que foram os desbravadores do Método Direto. Gouin (1892) e Berlitz (1912) enfatizavam que esse método rejeitava a tradução e priorizava o uso direto da língua-alvo na sala de aula, com destaque em diálogos e fala.

Nesse contexto, o ensino da habilidade oral (*speaking*) em sala de aula evidenciou-se no final do século XIX e início do século XX, com o desenvolvimento de métodos de ensino de línguas que valorizavam a comunicação verbal. Nesse período, os métodos tradicionais focavam principalmente na leitura e tradução, com pouca ênfase na conversação. No entanto, o avanço de novas abordagens pedagógicas começou a mudar essa realidade.

Um marco inicial importante foi o método direto, desenvolvido no final do século XIX, que defendia o uso direto da língua-alvo, buscando criar uma experiência mais próxima do uso real da língua. De acordo com Gouin (1892) e Berlitz (1912), o método direto ressaltava a comunicação oral e a eliminação da tradução, promovendo práticas de conversação como parte do ensino. Charles Fries (1945) e outros estudiosos desenvolveram o Método Audiolingual, nos Estados Unidos, durante a Segunda Guerra Mundial, nas décadas de 1940 e 1950. Esse método era focado fortemente em habilidades de escuta e fala, em resposta à necessidade de comunicação oral em contextos militares, usando técnicas de repetição e exercícios de diálogo para ajudar os alunos a memorizar estruturas de fala.

Nesse sentido, uma série de linguistas e educadores que, durante as décadas de 1960 e 1970, começaram a salientar a necessidade do ensino de línguas focado na comunicação real e funcional. Todavia, alguns dos principais teóricos e pioneiros desse método incluem: Dell Hymes, Michael Halliday, David Wilkins e Henry Widdowson. Na década de 1970, com o surgimento do método comunicativo, houve uma valorização ainda maior do *speaking*, assim, o foco passou a ser o uso prático e comunicativo da língua. Para Hymes (1972) o método comunicativo tinha como objetivo ensinar a língua para a comunicação em situações reais, enfatizando não só a fala, mas também a compreensão auditiva e

a interação. Essa abordagem ainda influencia muito o ensino de Inglês, principalmente no desenvolvimento de métodos mais modernos que combinam diferentes visões e recursos digitais para promover a oralidade.

A Base Nacional Comum Curricular - BNCC aponta a relevância de inserir o aluno em novos meios de interação e participação em uma sociedade globalizada, proporcionando um grande conjunto de conhecimentos e criando oportunidades para o desenvolvimento de habilidades linguísticas, críticas e conscientes. No entanto, a falta de ensino da Língua Inglesa no Ensino Fundamental I gera lacunas, o que torna mais difícil o aprendizado de uma segunda língua posteriormente. Uma criança até os seus 10 anos é capaz de desenvolver de forma mais rápida o domínio e fluência de outro idioma do que um adulto.

Dessa forma, na perspectiva de British Council (2022), quando uma criança entra em contato com uma nova língua, ela amplia seu repertório linguístico e social, passando a compreender diferentes formas de nomear objetos, lugares, animais, pessoas e emoções. Além do que, ela percebe a diversidade de sons, modos de comunicação e culturas, reconhecendo que as pessoas têm formas variadas de falar, agir, pensar e se relacionar umas com as outras.

Quando uma criança é incentivada a aprender um novo idioma desde pequena, ela se torna mais capaz de valorizar sua língua materna e respeitar as culturas de outros lugares, o que contribui para o desenvolvimento da sua cidadania. Esse processo amplia sua visão de mundo, permitindo-lhe conhecer novos saberes, lugares, costumes e pessoas. Além do mais, ao entrar em contato com as estruturas do Português e do Inglês, a criança passa a perceber e comparar as diferenças entre as duas línguas.

Nessa perspectiva, o aprendizado de uma língua estrangeira nos primeiros anos facilita o desenvolvimento das capacidades cognitivas da criança, permitindo-lhe acumular informações de maneira mais eficiente. Assim, a criança de hoje será o adulto globalizado de amanhã, com maiores chances de conquistar oportunidades de melhores empregos, que exigem o domínio de uma segunda língua.

A compreensão oral em Língua Inglesa desempenha um papel fundamental no aprendizado de um novo idioma, exigindo atenção especial da escola e dos professores para alcançar resultados satisfatórios. Cada habilidade linguística,

como leitura, escrita, escuta e fala, requer estratégias específicas para seu bom desenvolvimento. Conforme aponta a BNCC (2017), a oralidade oferece ao aluno a oportunidade de adquirir novas competências, como enfrentar desafios, escutar e respeitar o próximo, lidar com conflitos e superar a insegurança e o medo.

Assim, o ensino da competência oral torna-se indispensável, pois contribui para aumentar a motivação dos estudantes ao inseri-los em diferentes contextos comunicativos do dia a dia. Além disso, permite que expressem suas ideias, pensamentos e emoções, ao mesmo tempo que constroem e reinventam sua identidade por meio das interações sociais.

Desse modo, o ensino de Língua Inglesa nas escolas vem sendo negligenciado há muito tempo, pois a importância que as escolas dão para esta língua estrangeira é mínima. Nesse sentido, não depende somente do professor, na maioria das vezes, incentivar os alunos a ter interesse pela Língua Inglesa, é preciso que os alunos não só estudem como também se coloquem em situações cotidianas para praticarem a Língua Inglesa.

Os alunos precisam quebrar o tabu que existe de frases gramaticalmente corretas, as abordagens comunicativas como as descritas por pesquisadores como Michael Canale e Merrill Swain (1980), enfatizam a necessidade de práticas que desenvolvam a competência comunicativa dos alunos em contextos reais. Assim, pode-se sustentar a crítica ao ensino tradicional focado em gramática e escrita, propondo práticas de ensino que priorizem a comunicação oral, uma vez que a necessidade na atualidade é grande e as fronteiras se encurtaram, pois atualmente as oportunidades de ir ao exterior é gingante.

Nesse contexto, o professor deve elaborar materiais que ajudem a suprir a necessidade dos conteúdos que não são ofertados pelo governo, o aluno precisa ter o incentivo do professor para poder se tornar competente linguisticamente e empregar a língua nas mais variadas situações de comunicação, ele necessariamente precisa adquirir tais habilidades.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa cujo tema é dificuldades no ensino da oralidade em aulas de Língua Inglesa é de caráter exploratório, na qual se buscou realizar o levantamento de materiais para embasar a pesquisa. Foram utilizados livros, artigos, bases de dados como o *Scientific Electronic Library Online - SciELO*, *Google Scholar* (Acadêmico), entre outros.

Utilizou-se uma abordagem de pesquisa do tipo qualitativa, segundo Prodanov e Freitas (2013) nesse tipo de pesquisa a análise dos fenômenos e a atribuição de significados são primordiais no processo de investigação, uma vez que não é preciso a utilização de dados estáticos, pois prevalece o caráter de subjetividade do pesquisador em relação os dados adquiridos, em que são interpretados e atribuídos significado. Dessa forma, a abordagem qualitativa prioriza a interpretação crítica dos dados coletados.

De acordo com Gil (2002) a pesquisa do tipo qualitativa permite ao pesquisador explorar e conhecer melhor as questões que envolvem o ser humano, e os significados que eles atribuem aos diversos problemas sociais e culturais. Portanto, nesta pesquisa, foi possível perceber a importância do embasamento teórico para a fundamentação do estudo científico, para conceituar, descrever, analisar os dados por meio das teorias e estudos já realizados.

Ademais, foi utilizada também a pesquisa bibliográfica. A pesquisa bibliográfica é um método investigativo que se fundamenta na análise e síntese de informações anteriormente publicadas a respeito de um tema específico. Para Gil (2002, p. 44), a pesquisa bibliográfica “[...] é desenvolvida com base em material já elaborado constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Assim, podemos afirmar que a pesquisa bibliográfica é um conjunto de informações e dados contidos em documentos impressos, artigos, dissertações e livros já publicados.

O método utilizado foi o hipotético-dedutivo, pois a pesquisa parte de uma situação problema na qual se elaboraram hipóteses sobre as quais serão testadas, ao final tais hipóteses podem ser confirmadas ou refutadas. A pesquisa foi realizada no dia 15 de novembro de 2024.

4 O ENSINO DA ORALIDADE NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA

A despeito do reconhecimento geral da importância de dominar a Língua Inglesa, ensiná-la e aprendê-la tem se mostrado um desafio para os professores, especialmente em relação à habilidade da fala, considerada a mais difícil de desenvolver nas salas de aula das escolas públicas. Isso acontece devido a vários fatores, como a falta de recursos adequados, turmas superlotadas e a ausência de um ambiente que promova a prática oral de forma consistente.

Além disso, muitos alunos têm pouco contato com a língua fora do contexto escolar, o que limita suas oportunidades de consolidar o aprendizado. Essa situação é agravada pela falta de tempo dedicado, exclusivamente, ao desenvolvimento da oralidade no currículo, muitas vezes priorizando habilidades como leitura e escrita em detrimento da comunicação verbal.

Sobre isso, Silva (2011) identifica três fatores que contribuem para a baixa serventia dos alunos: preconceito, questões econômicas e sociais. Em relação a esses aspectos, a autora explica:

Sob o ponto de vista do preconceito, as escolas regulares alimentam a ideologia da não relevância do ensino da oralidade nas escolas, devido às dificuldades espaciais e a falta de recursos didáticos, em que tais aspectos configuram situações de impossibilidade total ou parcial. Quanto às repercussões econômicas, os gastos seriam superiores às condições das instituições públicas brasileiras. E do ponto de vista do social, este causaria frustração de ambos docentes e discentes, no caso de fracasso no ensino da oralidade de língua inglesa (Silva, 2011, p.97).

Como um fator que complica ainda mais esse cenário, o ensino de Inglês e de outras línguas estrangeiras nas escolas públicas, não tem sido adequadamente valorizado pelas legislações em vigor, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Essas regulamentações não tratam o ensino da oralidade como uma prioridade em sala de aula. Silva (2011) constata essa perspectiva ao afirmar:

[...] as escolas que seguem as diretrizes de base só atentam para a leitura e interpretação textual, e não valorizam a comunicação oral. Dentre as quatro habilidades de ouvir, falar, ler e escrever, a fala deveria ser um componente importante na abordagem de ensino. Sendo assim, é necessário reaver as condições das instituições e dos alunos da rede pública (Silva, 2011, p.97).

Quando se trata da fala, sabe-se que ela é o principal meio de comunicação usado pelos grupos sociais, assim, não se pode ignorar a importância de seu aprendizado para os alunos. Muitos, porém, sentem-se desmotivados ao final de vários anos de estudo por não terem dominado a habilidade de se comunicar oralmente em Inglês. A esse respeito, Dias (2002) aborda que as falhas no ensino de línguas estrangeiras nas escolas públicas e a demanda da sociedade por suprir essa carência têm resultado na expansão de cursos particulares de idiomas.

No entanto, esses cursos não podem ser vistos como a solução definitiva, pois seus altos custos os tornam inacessíveis para uma parcela significativa dos estudantes. Portanto, é imprescindível garantir, de forma democrática, o acesso ao aprendizado de línguas estrangeiras durante a educação básica.

Para que aconteça avanços nessa área, é fundamental que o professor de língua estrangeira planeje suas aulas de forma a criar oportunidades de comunicação e interação oral. Se o professor não interage com os alunos utilizando o idioma que ensina, ele abre mão do aspecto que o diferencia dos outros professores de outras disciplinas, ser bilíngue. Além disso, priva os alunos da chance de progredirem na aprendizagem de uma segunda língua.

Considerando tais ideias, é essencial que o professor promova atividades que incentivem o uso espontâneo da língua, permitindo que os alunos pratiquem a expressão oral em situações variadas e contextualizadas. Além de fortalecer a confiança dos alunos em sua capacidade de poder se comunicar em Inglês, esse enfoque torna as aulas mais dinâmicas e relevantes, contribuindo para que os alunos percebam o real valor do aprendizado de uma segunda língua em suas vidas pessoais e futuras carreiras.

Por que falar? A fala é importante na comunicação? De acordo com Lindsay, Knight (2006), falamos por diversas razões, como socializar, solicitar algo, demonstrar sentimentos ou opiniões, compartilhar informações, ou nos referir a ações e eventos em diferentes tempos ou possibilidades. Além disso, nos comunicamos em variados contextos, seja cara a cara, ao telefone, respondendo a perguntas em sala de aula, fazendo um discurso, participando de reuniões, interagindo em situações de compra, pedindo informações a um desconhecido ou conversando informalmente com amigos.

A fala é uma habilidade produtiva que envolve duas ou mais pessoas para que haja uma interação entre grupos, em que se comunica a mensagem, ou seja, a troca de informação entre locutor e receptor. Na sala de aula, precisamos nortear nossos alunos na prática de ambas as habilidades, fala e interação comunicativa. Os alunos devem ser capazes de fazer decodificação e compreensão de sentido, ou seja, eles precisam ter o mínimo de conhecimento de mundo para conseguir se comunicar com precisão em qualquer situação. Nas escolas públicas, geralmente são abordadas as atividades interativas de leitura e compreensão de textos, nunca dando primazia a fala.

Penny Ur (1996) em sua obra *A Course in Language Teaching: Practice and Theory*, explora as dificuldades e os desafios da prática oral em sala de aula. A autora relata problemas como a ansiedade dos alunos, a falta de oportunidades para prática oral e a dificuldade dos professores em monitorar a produção de fala de maneira eficaz. Ur (1996) sugere atividades de prática controlada, como diálogos e simulações, que podem ajudar a melhorar a confiança dos alunos.

A seguir, alguns trechos relevantes de Penny Ur (1996) sobre as dificuldades no ensino da oralidade em Inglês, que foram retirados de seu livro: *A Course in Language Teaching: Practice and Theory*:

- **Ansiedade dos alunos:** Penny Ur (1996) aborda como a ansiedade é uma barreira significativa para os alunos no desenvolvimento da oralidade, principalmente quando estão preocupados com a probabilidade de cometer erros. Ela aponta que "muitos estudantes têm medo de falar na frente dos colegas porque sentem que serão julgados por seus erros" (Ur, 1996, p. 121).
- **Desafios com fluência e precisão:** Na perspectiva de Ur (1996), um dos principais dilemas do ensino da fala é equilibrar fluência e precisão. Ela explica que "em atividades que visam a fluência, os alunos podem ser desencorajados a falar se forem constantemente corrigidos; por outro lado, sem correção, podem não desenvolver precisão" (Ur, 1996, p. 122).
- **Falta de vocabulário:** Ur (1996) discute que os alunos, muitas vezes, enfrentam dificuldades para encontrar palavras apropriadas e expressões durante atividades de fala. Ela observa que "a falta de vocabulário adequado ou a busca por palavras podem tornar os alunos reticentes a falar" (Ur, 1996,

p. 123). Isso acontece quando os alunos não têm um conhecimento grande de vocabulário, não conhecem muitas palavras do idioma.

- **Interferência da língua materna:** Ur (1996) relata que a língua materna dos alunos interfere frequentemente na pronúncia e construção de frases, o que pode ocasionar insegurança ao se comunicarem em Inglês. Ela sugere que, em vez de tentar evitar totalmente essa interferência, os professores devem trabalhar para transformar isso em uma oportunidade de aprendizado controlado.

Esses trechos fornecem uma visão das dificuldades enfrentadas tanto por professores quanto por alunos na prática da oralidade, abordando desde fatores emocionais até aspectos linguísticos e metodológicos. Além disso, destacam a necessidade de estratégias pedagógicas que favoreçam um ambiente de aprendizagem mais acolhedor e motivador, permitindo que os alunos se sintam confiantes para se expressarem oralmente.

Desse modo, a falta de prática consistente e significativa na sala de aula, somada à carência de recursos adequados, como materiais autênticos e tecnologias digitais, também contribuem para limitar o desenvolvimento dessa habilidade. Por outro lado, iniciativas que provocam a interação social, como atividades em pares, jogos comunicativos e debates, têm mostrado resultados positivos ao estimular o uso da língua de forma espontânea e contextualizada.

Jeremy Harmer (1983) em *The Practice of English Language Teaching* aborda a importância de criar oportunidades significativas para a prática oral e destaca os desafios enfrentados por professores, como a gestão de turmas grandes e a motivação dos alunos. Ele propõe técnicas como role-plays e debates que incentivam a interação oral e ajudam a desenvolver fluência. A seguir, alguns trechos em que Jeremy Harmer aborda as dificuldades no ensino da oralidade em Inglês em seu livro *The Practice of English Language Teaching* (1983):

- **Ansiedade e Inibição:** Harmer (1983) menciona que a ansiedade e a timidez são fatores significativos que limitam a fala em Inglês. Ele observa que “muitos alunos sentem vergonha de falar porque têm medo de errar e de serem julgados. Essa inibição dificulta a prática e o desenvolvimento da confiança na oralidade” (Harmer, 1983, p. 123).

- **Desafios da Fluência e Precisão:** Harmer (1983) aborda o dilema entre fluência e precisão, explicando que "os professores enfrentam uma escolha difícil entre permitir que os alunos falem de forma mais livre, mesmo cometendo erros, e insistir na correção, o que pode interromper a fluência" (Harmer, 1983, p. 133). Ele indica que é importante encontrar um equilíbrio entre incentivar a comunicação e manter a qualidade linguística.
- **Interferência da Língua Materna:** Harmer (1983) também fala sobre a influência da língua materna no aprendizado de fala em Inglês, destacando que "os alunos frequentemente transferem estruturas e sons de sua língua nativa para o Inglês, o que pode resultar em pronúncia incorreta e estruturas gramaticais inadequadas" (Harmer, 1983, p. 126). Ele sugere que os professores incentivem a prática e ofereçam *feedback* específico para minimizar essas interferências.
- **Dificuldade com a Pronúncia:** Harmer (1983) observa que a pronúncia é um dos principais desafios para os alunos, especialmente devido às variações na entonação e nos sons do Inglês. Ele aborda que "a dificuldade de pronunciar palavras corretamente pode fazer com que os alunos evitem falar, uma vez que têm medo de serem incompreendidos" (Harmer, 1983, p. 136). O autor propõe o uso de atividades específicas de prática de pronúncia para superar essa barreira.
- **Falta de Motivação e Relevância das Atividades:** Harmer (1983) enfatiza que as atividades de fala precisam ser significativas e relevantes para os alunos, caso contrário, eles perdem o interesse. Ele comenta que "a falta de interesse e de motivação pode ser um grande obstáculo na prática oral. Atividades irrelevantes ou desconectadas da realidade dos alunos são menos eficazes" (Harmer, 1983, p. 140).

Esses trechos refletem as dificuldades emocionais, estruturais e pedagógicas que Harmer (1983) identifica no ensino da oralidade em Inglês, e ele sugere estratégias específicas para que os professores enfrentem esses desafios em sala de aula. Entre essas estratégias, o autor mostra a importância de criar um ambiente seguro e de incentivo, onde os alunos se sintam à vontade para falar sem o medo constante de cometer erros. Além disso, Harmer (1983) sugere o uso de

atividades comunicativas variadas, como jogos de papéis, discussões e simulações, que não apenas motivem os estudantes, mas também promovam a prática da língua de maneira mais autêntica e contextualizada. Essas abordagens buscam diminuir a ansiedade e aumentam a confiança dos alunos, construindo um aprendizado mais eficaz e duradouro da língua falada.

5 METODOLOGIA ATIVA NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA

Na perspectiva de Xavier (2012), em seu livro “Metodologia do Ensino de Inglês”, o conceito de metodologia de ensino é compreendido de maneira reflexiva, permitindo uma análise sobre o ensino de Língua Inglesa e a relação entre as escolhas metodológicas adotadas e seus impactos na aprendizagem dos estudantes. Isso indica que não há um método "correto" ou "incorreto", "melhor" ou "pior" para ensinar uma língua estrangeira, mas sim uma conexão de causa e efeito embasada nas decisões do professor.

Dessa forma, essas escolhas envolvem o conteúdo abordado, a forma de conduzir as aulas, as atividades propostas, os métodos de avaliação, entre outros aspectos metodológicos. Cada uma dessas decisões pode influenciar diretamente o tipo de cidadão que o professor busca formar ao longo da trajetória escolar do aluno.

O professor de Língua Estrangeira (Inglês) desempenha um papel crucial na educação básica ao tomar decisões pedagógicas, já que a Língua Inglesa não é apenas um "adereço" no currículo escolar. Essa disciplina tem como objetivo, entre outros aspectos, promover o desenvolvimento do pensamento crítico e ampliar os conhecimentos culturais, linguísticos e globais dos estudantes. Dessa maneira, ensinar Inglês vai além de uma prática pedagógica, é, sobretudo, um ato com implicações políticas.

Karl Plotz (1819-1881) e Johann Seidenstücker (1779-1819) abordam que as primeiras metodologias no ensino da Língua Inglesa espelham as necessidades e perspectivas educacionais de suas referidas épocas, caracterizando-se por abordagens rígidas e centradas no ensino formal. De acordo com Karl Plotz (1819-1881) e Johann Seidenstücker (1779-1819), a metodologia Gramática-Tradução, predominante no século XIX, focava no ensino de regras gramaticais, memorização de vocabulário e tradução de textos clássicos, priorizando habilidades escritas e negligenciando a oralidade.

Nesse sentido, esse método foi criticado por sua pouca serventia na comunicação prática, o que ocasionou o surgimento do Método Direto, no final do século XIX e início do século XX. Pioneiros como Maximilian Berlitz defenderam o uso exclusivo da língua-alvo, enfatizando a fala e a compreensão auditiva por meio

de contextos naturais, sem recorrer à tradução. No entanto, essas metodologias iniciais revelam um movimento gradual do ensino formal e estruturado para práticas mais comunicativas, influenciando significativamente os rumos do ensino de línguas nos próximos séculos.

No contexto das escolas públicas, o ensino de Língua Inglesa enfrenta desafios significativos, mas também apresenta avanços no uso de metodologias mais dinâmicas e centradas nos alunos. Embora a abordagem comunicativa seja amplamente reconhecida, sua aplicação prática ainda é limitada devido à falta de recursos e ao número grande de alunos por turma, e também pela falta de materiais didáticos.

Além disso, iniciativas que utilizam tecnologias acessíveis, como aplicativos e plataformas gratuitas, começam a ganhar espaço, ajudando os estudantes a se conectar aos conteúdos autênticos e a desenvolver autonomia no aprendizado. Apesar das dificuldades estruturais, alguns professores têm explorado e elaborado atividades colaborativas, projetos interdisciplinares e jogos pedagógicos para engajar os alunos e integrar a prática das quatro habilidades linguísticas (ouvir, falar, ler e escrever), alinhando-se às demandas contemporâneas da educação.

Diante das diretrizes legais relacionadas ao ensino de Língua Inglesa, observa-se que a abordagem predominante na disciplina tem maior concentração em um ensino instrumental, focado em estratégias que pouco incentivam o desenvolvimento da oralidade. A falta de materiais específicos que promovam de forma eficaz as habilidades comunicativas contribui para o desinteresse dos alunos em aprender a se expressar em uma segunda língua.

Nesse cenário, torna-se evidente a necessidade de implementar um plano de ensino que priorize melhorias na educação, integrando os conteúdos de maneira a preparar os estudantes para um mundo cada vez mais globalizado, onde a competência para interagir em sociedade é indispensável.

De acordo com Aragão e Ferreira (2022), a tecnologia ganhou um espaço mais significativo na educação após a pandemia do COVID-19, devido à necessidade de implementar o ensino remoto. Isso impulsionou o desenvolvimento e a aplicação de estratégias metodológicas para o ensino de várias disciplinas, incluindo a Língua Inglesa, em formatos não presenciais. Os autores destacam que “o uso das tecnologias digitais para ensinar línguas tem se expandido

especialmente nas aulas online em suas modalidades síncrona, assíncrona e híbrida” (Aragão; Ferreira, 2022, p. 148). Contudo, esse avanço representa um grande desafio para os professores, que precisam primeiro dominar o uso dessas tecnologias para então aplicá-las de forma eficaz com os alunos.

Uma pesquisa de forma qualitativa foi feita através das redes sociais, obtendo vários resultados de diferentes pessoas, várias opiniões foram pautadas sobre o ensino da oralidade em aulas de Língua Inglesa, em especial o material que é oferecido para os alunos. De acordo com os dados coletados nas redes sociais, é possível observar que a maior dificuldade é o material que é usado pelo professor de Língua Inglesa, é escasso de conteúdo significativo para os alunos, ou seja, não é um material rico com bons resultados.

Além disso, muitos participantes da pesquisa destacaram que o material disponibilizado, muitas vezes, não contempla situações reais do cotidiano no uso da língua, focando excessivamente em regras gramaticais e exercícios mecânicos, sem estimular a prática oral em contextos comunicativos.

Assim, essa limitação faz com que os alunos se sintam desmotivados, pois não conseguem enxergar uma conexão entre o que aprendem em sala de aula e as situações práticas de comunicação no dia a dia. Dessa forma, torna-se evidente a necessidade de refazer os materiais didáticos, dando prioridade para atividades interativas, recursos multimodais e conteúdo que promovam a oralidade de forma dinâmica e significativa, alinhando-se às demandas reais dos estudantes e aos objetivos do ensino atual.

6 O SPEAKING COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO E APRENDIZAGEM

O aprendizado da habilidade de *speaking* no ensino de Língua Inglesa enfrenta diversas dificuldades atualmente, principalmente no contexto de escolas públicas. As principais dificuldades incluem: falta de exposição à Língua Inglesa, foco excessivo em gramática, inibição e ansiedade, influência da língua materna, falta de prática comunicativa, falta de materiais e recursos adequados, baixa formação ou confiança do professor e pouco tempo disponível para estudar. A seguir, observa-se os principais efeitos dessas dificuldades.

Falta de exposição à Língua Inglesa:

- Pouca prática fora da sala de aula, já que muitos alunos não têm contato com o idioma no cotidiano;
- Recursos como músicas, filmes e conversações *online* nem sempre são acessíveis devido às limitações econômicas ou de infraestrutura da própria escola.

Foco excessivo em gramática:

- Métodos tradicionais priorizam regras gramaticais e tradução, relegando o *speaking* a segundo plano;
- Aulas geralmente são estruturadas para leitura e escrita, não para a oralidade.

Inibição e ansiedade:

- O medo de errar na frente dos colegas pode gerar bloqueios emocionais, reduzindo a participação em atividades de fala;
- A ansiedade em falar em público ou em outra língua afeta a confiança dos alunos.

Influência da língua materna:

- Interferências do português (como sotaque e tradução literal) podem dificultar a fluidez;
- Pronúncia, ritmo e entonação do Inglês diferem significativamente do português, exigindo prática dedicada.

Falta de prática comunicativa:

- As aulas tendem a ser expositivas e não interativas, com poucos momentos de conversação prática;
- Aulas grandes com muitos alunos dificultam atividades práticas em grupos ou duplas.

Falta de materiais e recursos adequados:

- Pouca utilização de tecnologias como aplicativos ou plataformas que estimulam a prática oral;
- Escassez de áudios, vídeos e exercícios específicos para *speaking* em muitas escolas públicas.

Baixa formação ou confiança do professor:

- Alguns professores enfrentam dificuldades em ensinar *speaking* devido à sua própria insegurança com a oralidade;
- A formação docente nem sempre inclui estratégias eficazes para estimular a produção oral dos alunos.

Pouco tempo disponível:

- A carga horária de Inglês costuma ser reduzida, limitando as oportunidades de prática consistente;
- Prioridade a conteúdos avaliativos como gramática e leitura, em vez de habilidades orais.

Todas essas dificuldades são encontradas pelos alunos, mas existem algumas estratégias para que esses desafios sejam superados, entre essas estratégias estão: aumentar o uso de atividades interativas como jogos, simulações e conversas em pares, introduzir ferramentas digitais que favoreçam o *speaking* (e.g., gravações de voz, aplicativos de conversação), incentivar a exposição ao idioma por meio de músicas, filmes e séries, criar um ambiente de aprendizado seguro para reduzir a ansiedade e o medo de errar, promover formação continuada para professores, com foco no ensino comunicativo, entre outros. Assim, todas essas estratégias colocadas em prática são importantes para o bom desenvolvimento do ensino e aprendizagem dos alunos.

Diante do exposto, de acordo com Canale e Swain (1980), a prática de habilidades orais auxilia no desenvolvimento da competência comunicativa, elemento central no ensino de línguas estrangeiras. O uso do *Speaking* em sala de aula oferece diversas vantagens, especialmente no ensino de línguas, promovendo o aprendizado de forma prática e significativa.

Dessa forma, algumas dessas vantagens são: desenvolvimento da competência comunicativa, aumento da confiança e redução da ansiedade, contextualização do aprendizado, desenvolvimento da fluência e da naturalidade, interação social e trabalho em grupo, exposição a diferentes perspectivas e culturas, integração com outras habilidades, *feedback* imediato e preparação para vida real. Todas essas vantagens tornam o *Speaking* uma peça essencial para o aprendizado de línguas em ambientes educacionais.

Aprender um idioma diferente pode abrir diversas portas, tanto na vida pessoal quanto na profissional. De acordo com a revista Galileu (2016), pesquisas mostram que o estudo de uma nova língua também traz vantagens para o cérebro e para a saúde, como o aprimoramento da memória e o desenvolvimento de certas competências. Dominar um novo idioma é uma habilidade que pode transformar sua vida, oferecendo inúmeras oportunidades, tanto no âmbito pessoal quanto no profissional. Seja para ampliar suas chances de carreira, viajar com mais facilidade ou simplesmente abrir seus horizontes culturais, aprender outra língua tem benefícios que vão muito além da comunicação.

Ademais, segundo a revista Galileu (2016), inúmeras pesquisas apontam que o aprendizado de uma nova língua facilita interações e colaborações, além de

desenvolver vários benefícios. Entre esses benefícios, destacam-se a melhoria da memória, a capacidade de resolver problemas com maior eficiência e até mesmo o fortalecimento da flexibilidade cognitiva. Além do que, estudos indicam que pessoas bilíngues podem retardar o declínio cognitivo associado ao envelhecimento, reforçando que o aprendizado de línguas é uma prática enriquecedora e benéfica em diversos aspectos da vida.

De acordo com Carlesso (2020), uma nova língua pode melhorar a memória. Além disso, o estudo das estruturas de outras línguas pode melhorar a atenção e concentração, o que vai permitir conciliar várias atividades ao mesmo tempo. O processo de raciocínio em outro idioma também estimula o sistema cognitivo, fazendo com que a pessoa desenvolva a capacidade de tomar decisões mais sistemáticas e rapidamente.

Aprender um novo idioma vai muito além de memorizar palavras e regras gramaticais, é uma porta de entrada para explorar culturas diferentes. Esse processo permite que a pessoa se envolva profundamente em diversos aspectos de uma nova língua, incluindo a história, os costumes e as tradições dos países onde ela é falada. Ao conhecer mais sobre essas realidades, amplia-se a compreensão das diferenças culturais existentes no mundo e desenvolve uma visão mais ampla e empática sobre outras perspectivas.

Viajar e participar de intercâmbios se tornam experiências ainda mais enriquecedoras quando se domina outro idioma. Ter a habilidade de se comunicar em outra língua permite interagir com os moradores locais, pedindo dicas valiosas sobre os melhores lugares para visitar, atividades para fazer e restaurantes para experimentar. Além disso, facilita o pedido de informações, reduzindo o risco de se perder e tornando a jornada mais segura e tranquila. Entender o que é dito ao redor também contribui para a sua segurança e para uma experiência mais imersiva.

Dominar um idioma estrangeiro pode abrir portas para oportunidades acadêmicas no exterior, como programas de intercâmbio durante a graduação. Essas experiências não apenas enriquecem o currículo, mas também oferecem a chance de aprender novos conteúdos relacionados ao curso de graduação sob perspectivas diferentes. Além disso, viver em outro país fortalece a proficiência na língua local, proporcionando crescimento pessoal e profissional ao mesmo tempo.

Nos dias de hoje, o domínio de outros idiomas é uma habilidade altamente valorizada no mercado de trabalho. Por isso, aprender novas línguas durante a graduação pode ser um grande diferencial, permitindo que as pessoas entrem no mercado com uma vantagem competitiva.

Nesse sentido, a capacidade de se comunicar em outras línguas abre portas para oportunidades em empresas multinacionais, além de possibilitar o contato com diferentes culturas ao redor do mundo. Sem dúvida, essa habilidade também pode refletir em uma remuneração mais alta. Além disso, o conhecimento de idiomas é fundamental para expandir a rede de contatos profissionais, o *networking*, o que pode aumentar as chances de conseguir empregos internacionais e oportunidades fora do país de origem.

A criatividade desempenha um papel essencial em diversas carreiras. E aprender um novo idioma pode ser uma maneira eficaz de aprimorá-la. Ao falar outra língua, o cérebro se torna mais flexível na geração de ideias, o que facilita a comunicação em diferentes idiomas. O esforço envolvido em fazer conexões e analisar palavras enquanto forma-se frases contribui diretamente para o estímulo da criatividade, ajudando a desenvolver uma mente mais ágil e inovadora.

7 ANÁLISES E DISCUSSÕES

François Gouin e Maximilian Berlitz são figuras importantes na história do ensino de línguas, especialmente no contexto do Método Direto. De acordo com todo o levantamento bibliográfico feito, foi possível analisar a importância desse método para o ensino da oralidade em aulas de Língua Inglesa. Na perspectiva de Gouin (1892), o aluno deve ver, ouvir e compreender a sequência de ações, para que o cérebro associe naturalmente as palavras aos seus significados, ou seja, Gouin (1892) propõe uma aprendizagem sensorial e prática, aproximando-se do processo de aquisição da língua materna.

Nesse sentido, a rejeição do autor em relação à gramática decorre de sua busca por um aprendizado mais orgânico. No caso da abordagem de Berlitz (1912), o autor relata que a língua deve ser aprendida tal como é falada pelos seus falantes nativos, sem interferência da língua materna do aluno, Berlitz (1912) prioriza a imersão total e evita traduções, alinhando-se a um modelo mais comunicativo e funcional.

No que se refere às técnicas para a coleta de dados, eles foram obtidos através de pesquisas em *sites* e livros dos mencionados autores. Todas as pesquisas que foram feitas conseguiram atender as expectativas que existiam em relação ao ensino da oralidade de Língua Inglesa. Referente aos objetivos dessa pesquisa, objetivou-se mostrar quais eram as principais dificuldades encontradas pelos alunos no ensino da oralidade em aulas de Língua Inglesa, averiguar quais os tipos de estratégias usadas pelo professor para ensinar oralidade e apresentar recursos auxiliares para o ensino da oralidade nas aulas de Língua Inglesa.

Dessa forma, o referencial teórico tem como finalidade fundamentar a pesquisa, estabelecendo uma base sólida de conhecimento que sustente a análise e as discussões do trabalho, o referencial foi composto por discussões de vários autores que abordam sobre essas abordagens respondendo a cada um desses questionamentos.

Os resultados desta pesquisa afirmam que o uso de estratégias de ensino voltadas para as práticas comunicativas melhora significativamente a oralidade dos alunos do ensino público. Essa conclusão responde à questão sobre como aprimorar o ensino da oralidade em escolas públicas, propondo uma abordagem

prática e inovadora. Esse resultado da pesquisa é relevante, pois relata uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos professores de Língua Inglesa, proporcionando soluções viáveis para o contexto escolar brasileiro.

A dificuldade de desenvolver a oralidade em aulas de Língua Inglesa nas escolas públicas foi identificada como um desafio constante, abalando a formação comunicativa dos alunos. Tendo em vista que os dados mostram a implementação de atividades baseadas em interação oral, como dramatizações e debates guiados, resultou em um aumento significativo na confiança e fluência dos estudantes. Esses resultados corroboram com os princípios defendidos por Canale e Swain (1980), que enfatizam a importância da competência comunicativa no ensino de línguas, e ampliam a discussão ao ofertar estratégias práticas para aplicação em contextos de baixa infraestrutura escolar.

No contexto das escolas públicas, onde existem desafios como turmas numerosas e recursos limitados, essas estratégias se mostraram eficazes e adaptáveis, indicando caminhos para professores superarem essas barreiras. Dessa forma, este estudo contribui não apenas para a literatura acadêmica, mas também para práticas pedagógicas que podem transformar a experiência de ensino aprendizagem de Inglês em escolas públicas.

Os resultados mostraram que atividades baseadas em interação oral aumentaram a confiança e a fluência dos alunos no uso da Língua Inglesa. No entanto, é possível que outros fatores também tenham contribuído para esses resultados. Por exemplo, a motivação dos alunos pode ter sido influenciada pelo engajamento do professor durante as atividades, independentemente da estratégia específica utilizada. Estudos preliminares, como os de Harmer (2007), mostram que o comportamento e a energia do professor têm efeito significativo na disposição dos alunos em participar das atividades. Assim, o aumento da fluência pode ser concedido tanto por causa da metodologia quanto pela forma como foi aplicada.

Outra possível possibilidade é que o progresso analisado seja resultado de fatores externos ao ambiente escolar, como o acesso a aplicativos de aprendizagem em Inglês ou maior exposição à língua por meio de mídias digitais, situações que não foram controladas neste estudo. Embora esses fatores possam ter influenciado os resultados, a consistência observada entre os grupos

participantes sugere que as estratégias de interação oral tiveram um papel central no desenvolvimento da oralidade.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo central investigar o ensino de Língua Inglesa nas escolas públicas, com foco nas dificuldades enfrentadas no desenvolvimento da habilidade de oralidade (*speaking*). Os objetivos definidos no início deste estudo incluíram compreender os principais desafios enfrentados por professores e alunos, além de propor estratégias práticas e teóricas para aprimorar o ensino dessa habilidade.

Dessa forma, esses objetivos foram atingidos, uma vez que a pesquisa permitiu identificar os fatores estruturais, pedagógicos e emocionais que impossibilitam o ensino de *speaking* e sugerir caminhos para superá-los. Partindo do contexto desafiador do ensino dessa língua no Brasil, especialmente em ambientes com recursos limitados, buscando compreender os fatores que dificultam o aprendizado e propor estratégias que contribuam para a formação de alunos mais competentes comunicativamente.

A pesquisa partiu da ideia de que a oralidade é uma das competências mais relevantes no aprendizado de um idioma, mas também uma das mais negligenciadas em sala de aula, devido a fatores como a falta de formação adequada dos professores, falta de tempo para prática em turmas numerosas e a própria insegurança dos estudantes em utilizar o Inglês de forma oral.

Ao longo desta pesquisa, foram apresentados diversos desafios enfrentados no ensino da oralidade em Língua Inglesa nas escolas públicas, como a falta de recursos adequados, a carência de formação continuada para os professores, e o pouco tempo dedicado às práticas comunicativas em sala de aula. Essas dificuldades demonstram a necessidade de uma reestruturação no ensino para priorizar o desenvolvimento das habilidades orais, que são essenciais para o conhecimento no idioma.

Diante desta concepção, reverter essa situação exige um esforço conjunto de todos os envolvidos na educação. É imprescindível que as políticas públicas valorizem o ensino da Língua Inglesa como uma ferramenta de inclusão e mobilidade social, oferecendo mais recursos didáticos, formação específica para os professores e uma carga horária que permita o trabalho mais efetivo da oralidade.

Além disso, seria de suma importância incorporar metodologias ativas que engajem os estudantes, como projetos baseados em tarefas comunicativas e o uso da tecnologia para criar ambientes de aprendizagem mais interativos. A implementação de atividades extracurriculares, como clubes de conversação, também poderia complementar o ensino regular, ampliando as oportunidades de prática oral.

Por fim, embora os desafios sejam significativos, acredita-se que com mudanças estruturais e a dedicação dos professores, é possível transformar o ensino de Língua Inglesa em um processo mais dinâmico, inclusivo e efetivo, contribuindo para o desenvolvimento das habilidades comunicativas dos estudantes e, consequentemente, para sua inserção em um mundo cada vez mais globalizado.

Entre os encontrados mais relevantes, destaca-se a discrepância entre a teoria e a prática pedagógica. Embora o ensino comunicativo de línguas (*Communicative Language Teaching - CLT*) enfatize a oralidade como uma competência essencial, a prática em sala de aula ainda é muito pautada pelo ensino de gramática e tradução.

Nesse sentido, essa realidade é influenciada por diversos fatores, como: A falta de formação específica, que é um dos principais desafios enfrentados pelos professores, muitos dos quais carecem de oportunidades de formação continuada em abordagens comunicativas, dificultando a implementação de atividades eficazes que promovam a prática oral. Além disso, as turmas numerosas e os recursos limitados tornam a gestão de atividades de *speaking* um grande obstáculo. A elevada quantidade de alunos por sala de aula dificulta a personalização do ensino, enquanto a escassez de materiais e equipamentos tecnológicos restringe a possibilidade de inovação.

Outro fator relevante são as barreiras psicológicas enfrentadas pelos alunos, como a insegurança e a ansiedade ao falar em público ou ao cometer erros, o que reforça a importância de criar um ambiente de aprendizagem acolhedor e motivador. Por fim, destaca-se também o tempo insuficiente destinado à prática da oralidade nos currículos escolares, que geralmente priorizam habilidades como leitura e escrita, relegando o desenvolvimento da competência oral a um papel secundário.

Diante dessas dificuldades, este estudo reforça a necessidade de uma abordagem mais integrada ao ensino de Língua Inglesa, que conte cole não apenas a formação docente, mas também políticas públicas que incentivem a valorização da oralidade. Além do mais, é fundamental investir em estratégias pedagógicas que favoreçam um aprendizado mais significativo, com destaque na prática comunicativa e no uso real da língua em situações do cotidiano.

Acredita-se que este trabalho contribui para ampliar o debate sobre os desafios e as possibilidades do ensino de *speaking* nas escolas públicas. Espera-se que ele sirva como base para futuras pesquisas que aprofundem questões como a formação docente em abordagens comunicativas, o uso de tecnologias no ensino da oralidade e estratégias para diminuir os impactos das limitações estruturais e psicológicas no processo de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Rodrigo Camargo; FERREIRA, Keila. Emoções e tecnologias digitais no ensino-aprendizagem de Língua Inglesa. **Revista Tabuleiro de Letras**, Salvador, v. 16, n° 1, p. 146-166, jun. 2022. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabculeirodeletras/article/view/13621>. Acesso em: 15 nov. 2024.

BERLITZ, M.D. **Método Berlitz para la enseñanza de idiomas modernos**: parte española.

Nova York, Berlitz, 1912. Disponível em: <https://archive.org/details/mtodoberlitzpar01collgoog>. Acesso em 15 abril de 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Versão final. Brasília: Ministério da Educação, 2017.

BRITISH COUNCIL. **Documento-base para a elaboração de diretrizes curriculares nacionais para a língua inglesa nos anos iniciais do ensino fundamental**. São Paulo, 2022.

CARLESSO, Eduarda. **5 motivos para aprender um novo idioma**. Unochapecó, 2020. Disponível em: <https://www.unochapeco.edu.br/blog/aprender-um-novo-idioma-pode-te-trazer-vantagens-e-oportunidades> . Acesso em: 19 nov. 2024.

CANALE, M.; SWAIN, M. Theoretical bases of communicative approaches to second language teaching and testing. **Applied Linguistics**, v. 1, n. 1, p. 1-47, 1980.

DIAS, Reinildes. **Proposta Curricular de Língua Estrangeira para os Ensinos Fundamental e Médio: Razões para se Ensinar Língua Estrangeira**. Minas Gerais: Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, 2002. 70 p. Disponível em: https://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/INDEX.HTM . Acesso em: 15 nov. 2024.

FRIES, Charles C. **Teaching and Learning English as a Foreign Language**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1945.

GALILEU. **5 razões científicas para aprender outro idioma**. Globo, 2016. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2016/12/5-razoes-cientificas-para-aprender-outro-idioma.html> . Acesso em: 19 nov. 2024.

GOUIN, Francis. **The art of teaching and studying languages**. 2 edition. New York: Charles Scribner's Sons, 1892.

GIL, Antonio Carlos, 1946- **Como elaborar projetos de pesquisa/ Antonio Carlos Gil**. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

- HARMER, Jeremy. **The Practice of English Language Teaching.** 1983. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Bahram-Kazemian/post/Can-anyone-help-with-learning-strategies-for-creating-autonomous-learners/attachment/59d6303ac49f478072ea06b5/AS%3A273601113067522%401442242996719/download/jeremy-harmer-the-practice-of-english-language-teaching.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2024.
- HYMES, D. **On Communicative Competence.** In PRIDE, J. B. e HOLMES, J. Sociolinguistics. England: Penguin Books, 1972.
- LINDSAY, C., & KNIGHT, P. (2006). **Learning and Teaching English: A Course for Teachers.** Oxford: Oxford University Press.
- PRODONOV, Cleber Cristiano; Freitas, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]:** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Nova Hamburgo: Feevale, 2013.
- SILVA, Maria do Socorro. Dificuldades no Ensino da Oralidade em Aulas de Língua Inglesa. **Revista Fronteira Digital: Abrindo portas para o horizonte**, v. 04, Ano II, p.92-99, Ago. Dez., 2011. Disponível em: https://www.unemat.br/revistas/fronteiradigital/docs/revista/fronteira_digital_n4_2011.pdf. Acesso em: 15 nov. 2024.
- UR, Penny. **A Course in Language Teaching: Practice and Theory.** 1996. Disponível em: <https://sacunslc.files.wordpress.com>. Acesso em: 16 nov. 2024.
- XAVIER, Rosely. **Metodologia do Ensino de Inglês.** 2012. Blog da UFES. Disponível em: <https://blog.ufes.br/kyriafinardi/files/2017/10/Metodologia-do-Ensino-de-Ingl%C3%AAs-2012.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2024.